

---

**IDENTIDADES E TERRITÓRIOS DE DESEJO: UMA ANÁLISE DAS  
PRÁTICAS AMOROSAS, RELAÇÕES SOCIAIS E SOCIABILIDADES NA  
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX (CAICÓ-RN).**

Edivalma Cristina da Silva  
Mestre em Ciências Sociais – PPGCS/UFRN  
Bacharela e Licenciada em História – CERES/UFRN  
[edivalma@hotmail.com](mailto:edivalma@hotmail.com)

A cada dia, homens e mulheres efetuavam seus afazeres diários. Enquanto muitos homens dirigiam-se a atividades como a pecuária, agricultura, comércio ou em construção de açudes e estradas, muitas mulheres efetuavam tarefas ligadas ao lar (lavar, engomar, costurar, cozinhar, arrumar ou vender) realizadas em suas próprias residências ou em casas de terceiros e familiares, consistindo em uma das vias de obtenção de recursos para a melhoria das condições de vida, diante, muitas vezes, do abandono ou morte de seus cônjuges.

O trabalho infantil, nesse cotidiano, não consistia em exceção. Não frequentando escolas, muitas crianças dividiam o dia entre ajuda prestada aos pais na realização das atividades diárias e na diversão com os irmãos ou vizinhos. Na primeira metade do século XX, como se pode averiguar através dos depoimentos escritos<sup>i</sup> e orais<sup>ii</sup>, o trabalho emergia como a base do cotidiano das famílias caicoenses de camadas consideradas populares.

Nesse viés, averigua-se nos depoimentos orais de homens e mulheres caicoenses a insurgência do trabalho e dos espaços de sociabilidade enquanto *pontos de referência* de uma memória coletiva, constituindo-se em lugares nos quais as relações sociais eram reforçadas, principalmente entre lavadeiras, engomadeiras, criadores, agricultores, domésticas etc. Mesmo diante da recorrência palpável ao trabalho cotidiano – classificado como cansativo – essas pessoas também se divertiam e estabeleciam laços de amizade e redes de ajuda através dos espaços de sociabilidade que frequentavam, a exemplo dos bailes e sambas. É nessa medida que esse artigo visualiza os espaços de sociabilidade e “a cidade [...] enquanto *espaço de memória*, pleno de lembranças e vivências dos seus diversos atores, objeto de estudo de historiadores, antropólogos e demais cientistas sociais” (COUCEIRO, 2007, p. 02, grifo do autor).

Halbwachs (2004), na análise da memória coletiva, enfatiza a força dos *pontos de referência* como estruturantes da memória individual, inserido na memória da

coletividade a que cada indivíduo pertence. Logo, em suas memórias, os entrevistados remetem-se aos espaços de sociabilidade, a exemplo dos sambas e bailes, como *pontos de referência* para se pensar o feminino, os quais também possibilitam analisar o processo de aproximação entre diferentes grupos sociais (homens/mulheres) através do contato com a cultura e diversão, reforçando os sentimentos de pertencimento, de identidade social e as fronteiras simbólicas. Os espaços de sociabilidades se instituem, dessa forma, enquanto monumentos ou lugares de memória que se ligam à história de vida dos entrevistados.

Os sambas – ao ritmo de concertinas, violões, danças e bebidas –, muitas vezes referenciados nas entrevistas em relação aos bailes, consistiam em divertimentos hoje conhecidos como “forrós” que se realizavam em casas consideradas familiares ou nas chamadas bodegas<sup>iii</sup>, geralmente localizadas em locais periféricos da cidade de Caicó/RN<sup>iv</sup>, a exemplo da Rua do Serrote e da Rua da Favela, ambas localizadas no Bairro Paraíba. Esse divertimento possuía um caráter mais popular, aberto à participação de todas as pessoas que quisessem frequentá-los – soldados, políticos, mulheres –, independente da camada social<sup>v</sup>, constituindo-se enquanto um espaço em que confluíam pessoas de distintas culturas, classes ou sexualidades (CUNHA, 2002).

Apesar dos esforços moralistas e normalistas de disciplinar a sociedade brasileira através da criação de mecanismos de controle e do estabelecimento de fronteiras entre o lícito e o ilícito, a ordem e a desordem, a moral e o imoral, a repressão policial não foi uma ferramenta de êxito na tentativa da criação da “sociedade ideal”. Como mostram Cavalcanti (2000) e Cunha (2002) o samba, em razão de seu caráter expansivo, sofreu perseguições da polícia, a qual tinha nas leis a permissão para invadir e reprimir as desordens nessas manifestações, muito embora continuassem a ocorrer por contar com o apoio de pessoas do poder público que atribuíam permissibilidade ao divertimento.

Essa recorrência ao samba enquanto local perigoso e de desordem é perceptível nos depoimentos orais através da insistência da não frequência das mulheres consideradas honestas a esse divertimento, sinalizando para o caráter seletivo da memória e a utilização do silêncio e esquecimento para manter viva a tradição e a representação do que se entendia por mulher honrada, garantindo, assim, a legitimação

da identidade social do grupo e de sua coesão (POLLAK, 1989, 1992; ZUMTHOR, 1997).

Pensando a partir de Pollak (1989, 1992), observou-se que para as entrevistadas, falar que havia frequentado um samba poderia colocá-la no porte de “mulher suspeita”, desestabilizando sua identidade social. Nessa medida, enquanto os entrevistados apresentavam os sambas como espaços abertos às desordens e arruaças, os bailes, pelo contrário, foram expostos como divertimentos familiares organizados em suas próprias casas, a exemplo dos terços e das festas de casamento ou para se comemorar datas como São João, Natal ou Ano Novo.

Benedita Augusta, 105 anos, falou sobre os bailes considerados familiares que seu pai organizava:

Ele vinha com agente, o mês de maio eu rezava o mês de maio todinho, do princípio até o fim. Vixi era uma noite de festa no derradeiro de maio! Vinha gente de Caicó pra lá. Mas graças a Deus nunca houve nada. Ele fazia aquelas festas com muitos fogos, ele gostava muito de brincar com fogos, fazia aquelas girândolas com fogos, foi muito bom, nunca houve nada lá em casa, graças a Deus. O povo gostava muito das minhas novenas. Às vezes descia gente até da Serra da Formiga. Meu pai não queria dança nas festas porque ou era o terço ou a dança. Ou rezava o terço ou ia dançar. Ele num deixava a gente dançar; deixava não! Ele tinha muito ciúme da gente<sup>vi</sup>.

De acordo com a memória de Benedita Augusta e com os processos-crime de lesões corporais, percebe-se que os bailes consistiam em diversões entre famílias, vizinhos, amigos e conhecidos, em que o trânsito de pessoas de distintas condições socioeconômicas, etnias e sexualidades tornavam-se nítido. Nesses bailes, além de danças e músicas ao som de concertinas, havia mesas de jogos de cartas, geralmente no interior da casa, onde os homens se reuniam. Esses bailes, na memória de José Paulino, 83 anos, eram

só de moças e rapazes, era numa casa de família; às vezes um casamento; lá não entrava esse povo não (refere-se ao que classifica de mulher desonrada<sup>vii</sup>) havia respeito”, [...] tinha bebida, às vezes se embriagava, pedia uma rede, o dono da casa dava, ele ia dormir<sup>viii</sup>.

Diante desses relatos de memórias, observa-se que os bailes eram considerados locais de bons costumes, alegria e cordialidade, negando a existência de confusões nos mesmos. Todavia, é notório o grande número de processos-crime de

lesões corporais nesses divertimentos – e em sambas –, geralmente ocasionado por: discussões nas mesas de jogos; brigas por uso excessivo de bebidas<sup>ix</sup> ou por desrespeito a alguma moça<sup>x</sup>; desordens por o ofendido ter sido impedido de dançar ou de ficar no estabelecimento em consequência de seu mau comportamento<sup>xi</sup>; confusões causadas por resistência à prisão por policiais<sup>xii</sup> ou por ter provocado lesões corporais em pessoas presentes no baile<sup>xiii</sup>.

A insistência no caráter familiar dos bailes e nas condutas exemplares e moralistas nesses espaços respalda-se na reafirmação da identidade social dos indivíduos através da representação que se quer fazer de si, mas também do grupo a que pertence. A manutenção do código de conduta liga-se ao receio de perder sua posição enquanto membro do grupo e sua identidade (BOSI, 1994). “E é esse medo da perda do prestígio aos olhos dos demais, instalado sob a forma de autocompulsão, seja na forma de vergonha, seja no senso de honra, que garante a reprodução da conduta característica” (ELIAS, 1993 *apud* SOPELSA, 2003, p. 153).

Logo, acrescentar em seus depoimentos a representação de comportamentos reprováveis – como a circulação de moças desacompanhadas pelos bailes; o uso de roupas e comportamentos inapropriados; a utilização excessiva de bebidas e formação de arruaças e brigas, resultando em lesões corporais nos bailes - levaria ao indivíduo colocar em perigo o seu papel e valor social. Nota-se que os indivíduos fazem a imagem de si de acordo com a credibilidade que esperam e querem ter perante os outros.

Eram nesses espaços de sociabilidade que as relações sociais e os laços amorosos se intensificavam: enquanto muitos membros familiares se divertiam, entrelaçando conversas e relações, as moças e rapazes aproveitavam o momento para tentar uma aproximação, a qual se dava através de troca de olhares e sinais. Logo, as relações amorosas iniciavam a partir do entrelaçamento de amizades ou *colóquios*<sup>xiv</sup>, muitas vezes favorecidos pela dança – ocasião mais propícia para os contatos, conversas, marcações de encontros posteriores – e acabavam por resultar em *namoricos*<sup>xv</sup>, “namoros sérios” e até em “enlaces matrimoniais”. Além disso, torna-se nítida a possibilidade de ampliação das redes sociais, como demonstra o depoimento de Maria das Neves, 80 anos, ao se referir ao baile:

Uma vez eu fui com mamãe a um baile. Eu era meio danada. [...] Ai mamãe foi mais eu, cheguei lá meti foi o pé no barro. Dancei foi até de madrugada. (risos),

mas eu namorava... E mamãe lá... Ela nem ligava, mamãe nem ligava, ela era muito boa, num tinha essas coisas não. De quatro horas vim pra casa, passei o dia todinho dormindo.

Ainda lembro de um baile que eu fui, num derradeiro de maio. No derradeiro de maio fazia o forró! Ai tinha uns rapazes de São João do Sabugi, nesse tempo tinha a dança dum peba, cadê o peba? Está no buraco! Essa dança não era todo mundo que sabia dançar; ai eu era danada e sabia! Ai o rapaz de São João do Sabugi tirou muitas moças e nenhuma sabia. Ai ele me disse:

- Sabe dançar a dança do peba?

Eu disse: - Não, mas eu já pelejei para aprender.

Eu disse: - Vamos vê se nós dançamos!

Mas menina... Eu dancei na melhor qualidade! Eu era danada, eu era ruim que só. Foi uma festa! Mas hoje em dia num tem mais isso não. Vixi! Antigamente era muito respeitado. A gente era tudo amiga, num tinha piada, essas coisas...

A criação da gente era tudo: - Vocês respeitem os mais velhos e os moços também. Se vocês querem ser em recebida, então recebam bem<sup>xvi</sup>.

De acordo com a memória escrita e oral, os encontros amorosos deveriam ser sempre comedidos e dissimulados, remetendo a representação do “namoro sério”, ou seja, formalizado diante da família e constantemente policiado<sup>xvii</sup>. Contudo, os processos-crime de sedução e defloramento analisados sinalizam para a transcendência dessa representação ao demonstrar uma pluralidade de práticas amorosas que não se centralizavam apenas na reprodução e repetição dos discursos pré-codificantes, a exemplo do “modelo fidalgo de namoro” e do *amor domesticado* (CHAVES, 2006), mas constituíram-se em experiências (singulares) vivenciadas em intensidades distintas por cada indivíduo social.

As fontes demonstram a existência de múltiplas formas de amar que se expressaram *para além* das estruturas modelizantes da Justiça ao perpassarem pela esfera do não-dito<sup>xviii</sup>, somente sendo publicizados à população diante do “corpo marcado”, ou seja, através dos sinais de gravidez, do feto exposto – resultado de práticas abortivas – ou pelas Doenças Sexualmente Transmissíveis. Aliado a esse dado, o alto índice – correspondente a 68% (15) dos casos analisados – de ausência do reconhecimento das testemunhas quanto à existência do compromisso formalizado (“namoro sério”) entre os réus e vítimas, comprovam a existência dos encontros não-confessados. Essas vivências amorosas foram, nitidamente, “silenciadas” pelos discursos normativos.

Entretanto, um olhar dispendioso sob os depoimentos das vítimas e réus apontam para contradições que mostram as múltiplas *performances* efetuadas pelas mulheres – em especial – a cada encontro amoroso: escreveram bilhetes marcando

encontros; driblaram a vigilância familiar para encontrar-se às escondidas com seus amores; convidaram seus namorados para fugirem e concretizaram a fuga; mantiveram relações sexuais em locais insólitos como nos cercados, moitas, estradas, encostada na parede ou no chão, em margens de açudes e rios etc.

Eram esses gestos e *atos performativos*<sup>xix</sup>, pensando a partir de Butler (2003), que acabavam por desestabilizar as (pretensas) universalidades das representações que circundavam o feminino. Como bem coloca essa autora, os atos, gestos e desejos são *performativos* na medida que provocam distinções e dissociações entre o sexo anatômico e as identidades de gênero, justamente por a *performance* consistir em um ato de criação e invenção que desestabiliza as categorias e representações de gênero, as quais imputavam a mulher a passividade e irracionalidade na relação amorosa, possibilitando deslocamentos como a (re)significação e reconstrução da subjetividade em um processo sempre aberto e contínuo, como atentam Guattari e Rolnik (2005).

Através desses *atos performativos*, as mulheres experimentavam, em intensidades distintas, sensações de medo, desejo, prazer e/ou ansiedade, o que não consistia na negação do relacionamento “sério”, do casamento ou da maternidade, como assim defendiam os discursos jurídicos, por exemplo, justamente por não se perfilharem enquanto mulheres desonestas ou desonradas, nem reconhecerem subjetivamente e socialmente seus atos amorosos como *imorais*, resultando na formação de novas subjetividades e identidades, sempre singulares. Para que um momento de tensão como um encontro à escondida fosse vivenciado por um casal, era necessário inventar outras subjetividades, relações e representações de corpo.

Foram nos encontros amorosos às escondidas que as mulheres constituíram diversas *linhas de fuga*<sup>xx</sup>, pelas quais elas passaram a vivenciar fluxos cada vez mais intensos de desejos desvinculados de valorações externas como a reprodução, em que a experimentação, vibrações e os segredos eram molecularizados, tornando-se imperceptíveis ao constituírem relações cada vez menos localizáveis e comedidas: estabeleceram relações pré-maritais, seduziram, brigaram, chantagearam, amaram, desejaram, gozaram. Essas *linhas de fuga* possibilitavam a emergência do que Guattari e Rolnik (2005, p. 42) elegeram de *processo de singularização*, o qual é da ordem da invenção, da ruptura e resistência, da criação de novas sensibilidades, percepções e

formas de ser e se coloca em oposição à subjetividade modelizada pelos discursos normativos.

Assim, embora se reconheça através de Velho (1986), Guattari e Rolnik (2005) que a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no convívio social, afirma-se que o indivíduo não é um receptor estático e passivo dos discursos “dominantes”, expressos, por exemplo, pelas várias formas de resistências e atividades femininas (cartas, recados, gestos, fugas, encontros, *performances*) nas relações amorosas, que transcenderam ao controle institucional pela via da constituição de outros territórios de desejo, adentrando pelo campo da economia subjetiva. Ora, reconhecendo-se que a internalização e incorporação constituem-se em apenas “uma” das vias possíveis da produção de subjetividades, se pode afirmar que as diversas experimentações e práticas femininas emergentes nas relações estabelecidas cotidianamente no convívio social, por exemplo, influenciam na (re)construção contínua do subjetivo/interno e de suas identidades.

Esses namoros às escondidas, entrelaçados em espaços de sociabilidades como os bailes e os sambas, demonstram a flexibilidade das relações amorosas entrelaçadas por mulheres e homens de camadas mais populares da sociedade caicoense, transcendendo a representação do “amor domesticado”. Multiplicidades que leva a afirmar que cada experiência amorosa vivenciada, a exemplo das analisadas nesse artigo, aponta para a constituição de “n” cartografias e territórios de desejos...

---

<sup>i</sup> Considera-se enquanto memórias escritas os depoimentos dos réus, vítimas e testemunhas envolvidos nos processos-crime analisados, os quais se constituíram em vinte e cinco processos criminais de sedução e defloramento e vinte processos de lesões corporais em bailes e sambas.

<sup>ii</sup> Realizou-se entrevistas com oito mulheres e quatro homens caicoenses que moram atualmente no Bairro Paraíba da cidade de Caicó/RN, de uma faixa etária entre oitenta e cento e cinco anos de idade. O critério de seleção dos entrevistados levou em consideração suas histórias de vida e as experiências sociais, culturais e materiais durante a infância e adolescência como: trabalho, moradia, divertimentos e relações sociais bem como, o fato de todos terem morado no município de Caicó entre 1900 a 1945.

<sup>iii</sup> As bodegas eram pequenos estabelecimentos ou armazéns, muito comuns nesse contexto histórico, onde se vendiam secos e molhados.

<sup>iv</sup> O município de Caicó localiza-se na região do Seridó do Rio Grande do Norte (Brasil), o qual abrangia através de sua Comarca Judicial, no recorte temporal de 1900 a 1945, uma vasta extensão territorial composta pelas vilas de Jucurutú, que se tornou município somente em 1935, desmembrando-se de Caicó; Jardim de Piranhas em 1948; São Fernando em 1958 e Timbaúba dos Batistas em 1962.

<sup>v</sup> Vale salientar que mesmo sendo recorrente na oralidade que os sambas eram abertos à população em geral, existiam regras e fronteiras simbólicas que regulavam o trânsito das pessoas por esse divertimento.

- <sup>vi</sup> Benedita Augusta em entrevista concedida à autora, em 11 de fevereiro de 2008, na cidade de Caicó/RN.
- <sup>vii</sup> Na oralidade, os termos mulher “desonrada” e mulher “falada” aparecem para classificar as mulheres que dotavam de comportamentos considerados moralmente suspeitos e abertos aos chamados *namoricos*, ou seja, as relações esporádicas e escondidas.
- <sup>viii</sup> José Paulino em entrevista concedida à autora, em 15 de fevereiro de 2008, na cidade de Caicó/RN.
- <sup>ix</sup> Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1924 – jul./dez. Ano 1924; Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1927. Ano 1927; Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1938. Ano 1938; Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1945. Ano 1945.
- <sup>x</sup> Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1914. Ano 1914.
- <sup>xi</sup> Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1919. Ano 1919; Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1927. Ano 1927.
- <sup>xii</sup> Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1942 – ago./dez. Ano 1942.
- <sup>xiii</sup> Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1943 – jan./mar. Ano 1943.
- <sup>xiv</sup> Termo recorrente nos discursos orais e jurídicos para se referirem aos encontros e conversas entrelaçados entre jovens.
- <sup>xv</sup> Termo recorrente nos discursos orais e jurídicos para se referirem aos namoros entre jovens que não eram reconhecidos enquanto relações formalizadas diante da família, ou seja, relacionamentos sem compromisso de noivado ou que se passavam às escondidas.
- <sup>xvi</sup> Maria das Neves em entrevista concedida à autora, em 19 de fevereiro de 2008, na cidade de Caicó/RN.
- <sup>xvii</sup> Aqui se está pensando a partir do conceito de polícia discursiva de Foucault (2002).
- <sup>xviii</sup> Ao se referir aos *afetos não-ditos*, esse artigo está refletindo a partir das dimensões discursivas e desejantes apresentadas por Rogers (2006), nas quais esses afetos não-confessos corresponderiam às sexualidades que fugiam a “normalidade” e “naturalidade” do imaginário e das referências instituídas, não tendo como objetivo a reprodução da espécie, mas intensidades de desejos que colocam o corpo em ação e movimento; assim como às sexualidades que vivenciadas em segredo acabavam por tornarem-se indizíveis, intentadas a jamais serem publicizadas.
- <sup>xix</sup> Os *atos performativos* femininos também podem ser visualizados através das estratégias adotadas para evitar a publicização da “gravidez”: de acordo com os processos-crime de infanticídio e os depoimentos orais coletados, as mulheres grávidas usavam espartilhos e pratos apertados contra a barriga; usavam roupas largas; alegavam estarem doentes para não saírem de casa; jogavam os “produtos” de seus corpos em locais insólitos (mocambos, enterrados dentro da própria casa ou próxima a elas, cachoeiras, ou nas margens e cacimbas de rios etc); faziam uso de *beberagens* e *preparados* para provocar vômitos e diarreias; pegavam em peso excessivo; pulavam de variadas alturas; reificaram as justificativas acerca dos abortos, diante da Justiça, enquanto resultados de desejos insaciados de comer bolos, chouriços e mangas e/ou de sustos e frios sofridos dias antes do parto, mas aos olhos da Justiça, jamais tenham sido induzidos pela ingestão das *beberagens* ou *preparados*, por as julgarem a partir de valores que irracionalizavam e infantilizavam os atos femininos. Para mais detalhes acerca do conceito de *performance* e de *atos performativos*, ver: BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**, 2003.
- <sup>xx</sup> Para mais detalhes acerca do conceito de *linhas de fuga*, ver: GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**, 1995; 1997.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Juciene Batista Félix. **Caicó: uma cidade entre a recusa e sedução**. 2007. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

---

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVALCANTI, Silêde. **Mulheres Modernas, Mulheres Tuteladas:** o discurso jurídico e a moralização dos costumes – Campina Grande (1930/1950). 2000. 205 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2000.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim:** o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. São Paulo: Editora Unicamp, 2001.

CHAVES, Jacqueline Cavalcanti. Os amores e o ordenamento das práticas amorosas no Brasil da *belle époque*. **Análise Social**, Lisboa, v. 41, n. 180, p. 827-846, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n180/n180a06.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2009.

COUCEIRO, Sylvia Costa. A sedução da noite nos cafés do Recife dos anos 1920: entre prazeres e transgressões. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – SNH. 24., 2007, São Leopoldo/RS. **Anais eletrônicos História e Multidisciplinaridade:** territórios e deslocamentos. São Leopoldo/RS: Associação Nacional da História – ANPUH, 2007. Disponível em:<[snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Sylvia%20Costa%20Couceiro.pdf](http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Sylvia%20Costa%20Couceiro.pdf)>. Acesso em: 27 jan. 2009.

CUNHA, Fabiana Lopes da. Negócio ou Ócio? O samba, a malandragem e a política trabalhista de Vargas. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO – IASPM, 4., 2002, México. **Actas Del IV Congreso Latino Americano**. México: Asociación Internacional para el Estudio de la Musica Popular Rama Latinoamericana, 2002. Disponível em: <[www.hist.puc.cl/iaspm/mexico/articulos/Lopes.pdf](http://www.hist.puc.cl/iaspm/mexico/articulos/Lopes.pdf)>. Acesso em: 27 jan. 2009.

DANTAS, Eugênia Maria. **Retalhos da cidade:** revisitando Caicó. 1996. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 1996.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. \_\_\_\_\_. **Mil Platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996. \_\_\_\_\_. **Mil Platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia. Tradução de Suely Rolnik. v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas:** os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro as *Bélle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Tradução de Rachel Ramallete. 26. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

---

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** Cartografias do desejo. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Corpos seduzidos, corpos deflorados: a honra e os seus significados nos processos-crime do espaço Seridó (Caicó, 1900-1930). **MNEME:** Revista de Humanidades, Caicó, v. 7, n. 17, p. 214-229, ago./set. 2005. Disponível em: <<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/ed17/169.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2007.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212. 1992. Disponível em: <[www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf)> . Acesso em: 20 nov. 2008.

\_\_\_\_\_. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15. 1989. Disponível em: <[www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2008.

ROGERS, Paulo. **Os afectos mal-ditos:** o indizível das sexualidades camponesas. 2006. 219 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

SOLPESA, Renata. Vários espaços, uma sociabilidade: o primeiro centro de tradições gaúchas do Paraná. **Revista de História Regional**, São Paulo, v. 8, n. 1. p. 139-161. 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=view&path%5B%5D=213&path%5B%5D=163>>. Acesso em: 27 jan. 2009.

SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo, corpo e sexualidade. In: RIAL, Carmem Silvia Moraes; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. **Genealogias do Silêncio:** Feminismo e Gênero. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004, p. 183-193.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade:** Uma experiência de geração. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e esquecimento.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.